

AUTOR

**Glauco Vaz
Feijó***

glauco.feijo@
ifb.edu.br

* Professor do Instituto
Federal de Brasília (IFB),
Campus Brasília (IFB)

Estudos contemporâneos sobre a população brasileira em Portugal: processos identitários, classe, gênero e raça

Estudios contemporáneos sobre la población brasileña en Portugal: procesos de
identidad, clase, género y raza

Contemporary studies of the Brazilian population in Portugal: Identity processes,
class, gender and race

RESUMO

O artigo mapeia três temas em torno dos quais têm girado estudos sobre a imigração brasileira em Portugal: "Classe e Trabalho"; "Gênero e Prostituição" e "Processos Identitários". O primeiro tema é marcado pela divisão dos fluxos migratórios a Portugal em duas "vagas" diferenciadas por pertencimento de classe dos sujeitos migrantes. Sobre "gênero e prostituição", a profusão dos trabalhos deixa aberta a pergunta sobre a genealogia da "marca da prostituição" que estigmatizaria a imigrante brasileira. Os "processos identitários" passam pelas questões anteriores e pela ambivalência da miscigenação, constituintes tanto de uma imaginada identidade brasileira, quanto de uma imaginada identidade portuguesa.

RESUMEN

El artículo identifica tres temas en torno a los estudios sobre inmigración brasileña a Portugal: clase y trabajo, género y prostitución y procesos de identidad. En el primer tema, se considera la división de los flujos migratorios a Portugal en dos "olas" diferenciadas por la pertenencia de clase de los sujetos migrantes. En el segundo tema, género y prostitución, se pone en cuestión la pregunta abierta sobre la genealogía de la "marca de la prostitución" que estigmatizaría a la inmigración brasileña. En el tercer tema se abordan los procesos de identidad desde la ambivalencia del mestizaje, componente de una imaginada identidad brasileña y de una imaginada identidad portuguesa.

ABSTRACT

This paper maps out three themes around which studies on Brazilian immigration to Portugal have revolved: "Class and Work"; "Gender and Prostitution" and "Identity Processes." The first theme considers the division of migratory flows to Portugal into two "waves" differentiated by the social class of the migrants. The profusion of academic papers on "Gender and Prostitution" leaves open the question about the genealogy of the "mark of prostitution" that has stigmatized Brazilian female immigrants. Finally, "Identity processes" are marked by the ambivalence of miscegenation, a component of an imagined Brazilian identity and of an imagined Portuguese identity.

Em 2007, Malheiros, em texto que abria o primeiro estudo da *Coleção Comunidades* do Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), se propôs a apresentar “um resumo do que sabemos” sobre a imigração brasileira em Portugal. Os principais temas resumidos por Malheiros nos são úteis para um panorama dos estudos sobre a imigração brasileira em Portugal:

Os perfis dos imigrantes brasileiros que chegaram neste último período são de alguma forma distintos dos perfis dos que se instalaram na segunda metade dos anos 80 e nos anos 90 (...). Se as qualificações dos imigrantes brasileiros não apresentam decréscimos muito notórios da 1ª para a 2ª vaga imigratória, já as formas de inserção profissional registam alterações mais significativas, revelando tendência para uma maior inserção em segmentos do mercado de trabalho menos qualificados. (...). Esta situação leva a que alguns autores assumam que a imigração contemporânea brasileira para Portugal incorpore não apenas pessoas de classe média (dominante na primeira vaga), mas também uma crescente proporção de indivíduos vindos da classe média-baixa da sociedade brasileira (...). [Há uma] progressiva feminização da imigração brasileira para Portugal (...). Não obstante o predomínio da inserção em actividades formais, a feminização da imigração brasileira expressa também a crescente presença destas imigrantes na indústria do lazer e do sexo em Portugal (...) (Malheiro, 2007: 16-30).

Padilla (2007), por seu turno, em um de seus muitos textos essenciais sobre a questão de gênero nos fluxos migratórios brasileiros contemporâneos, conta que:

A pertença a uma determinada classe social é uma característica relevante para as imigrantes, e as Brasileiras não são uma exceção (...). As Brasileiras (e Brasileiros) chegadas até ao início da década de 90 inseriram-se numa vaga de imigração anterior caracterizada como mais qualificada e bem inserida no mercado de trabalho português (...). No caso da vaga mais recente de imigração brasileira, o perfil do Brasileiro mudou e o fluxo proletarizou-se (Padilla, 2007: 115-117).

Durante toda a primeira década do século XXI, Machado se dedicou ao estudo e interpretação de processos identitários de brasileiros e brasileiras vivendo em Portugal, trabalhando em alguns estudos com as interseções de gênero e classe. Em 2007, na mesma coletânea em que se inserem os textos de Malheiros e Padilla, Machado propõem que:

Os Brasileiros acabam por submeter-se a uma representação estereotipada do Brasil e da identidade brasileira para conseguir empregos (...). Quero demonstrar um mecanismo complexo de submissão aos estereótipos, no qual os sujeitos tiram proveito dessa sujeição às imagens essencializadas (...). Essa “encarnação” do estereótipo tem o efeito singular de reproduzir a desigualdade inicial da condição imigrante desses Brasileiros, reforçando o seu lugar subalterno. Mas, ao mesmo tempo, a encarnação resulta numa nova distribuição de poder entre os Brasileiros, articulando o nexos central da vida de uma “comunidade” imigrante na cidade do Porto. A subordinação, portanto, resulta na (re)estruturação de um modo de vida (Machado, 2007: 171).

Malheiros, Padilla e Machado estão entre os autores que mais têm produzido reflexões e dados sobre a imigração brasileira na atualidade. A menção direta aos seus trabalhos reunidos em coletânea com outros autores sobre os auspícios do Observatório da Imigração do Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (OI/ACIDI) serve aqui para a sensibilização sobre o discurso acadêmico que vem sendo construído sobre a imigração brasileira em Portugal, sobre o que vem sendo problematizado. Mais do que uma síntese sobre o que sabemos, poderíamos dizer que se trata de uma síntese sobre o que quisemos saber e de como o sabemos, sobre a construção de um discurso no qual se insere também o meu texto. Essa significativa amostra traz à tona três

PALAVRAS-CHAVE

Imigração
brasileira;
identidade;
gênero; classe;
raça

PALABRAS CLAVE

Inmigración
brasileña;
identidad; género;
clase; raza

KEYWORDS

Brazilian
immigration;
identity; gender;
class; race

Recibido:
21.11.2014

Aceptado:
04.02.2015

grandes temas em torno do qual, e com variações consideráveis, tem girado os estudos qualitativos sobre a imigração brasileira em Portugal, temas que eu nomeio “Classe e Trabalho”; “Gênero e Prostituição” e “Processos Identitários” e que muito comumente se interseccionam nas interpretações publicadas.

Em 2004, a Casa do Brasil de Lisboa (CBL) divulgou os resultados de um *survey* aplicado a uma amostra de 400 imigrantes de um universo de 24.260 brasileiros e brasileiras maiores de 15 anos e residentes nos distritos de Setúbal e Lisboa, que haviam imigrado após os anos de 1998 (CBL, 2004). O estudo da CBL introduziu um demarcador que, mesmo que quase sempre nomeado “entre aspas”, viria a ter grande influência na percepção dos fluxos migratórios brasileiros, tanto por parte de pesquisadores (Malheiros, 2007, Peixoto, Figueiredo, 2006), quanto por parte de imigrantes, influenciando significativamente os discursos identitários sobre e da população brasileira em Portugal.

Os questionários da CBL foram aplicados a imigrantes que chegaram após 1998 e que foram agrupados pela associação sob a denominação de *segunda vaga de imigração brasileira*, caracterizada como uma imigração composta em sua maioria de jovens do sexo masculino, solteiros, com nível de escolarização médio, vindos da região sudeste e dos estados de Goiás e Paraná, que em Portugal experimentam uma mobilidade profissional descendente ao se empregarem, sobretudo no setor de gastronomia e construção civil, além de apresentarem um alto índice de irregularidade na situação de migração. Entre as razões e condições da migração, o estudo aponta para “a motivação essencialmente económica desta vaga migratória”, e para um processo migratório amparado por redes sociais compostas por “parentes e amigos que já cá estavam”, e que se estrutura sob relações laborais e condições de vida precárias (CBL, 2004).

Os números e interpretações do estudo da CBL consolidam algumas percepções adiantadas antes por estudos acadêmicos, como os de Feldman-Bianco (2001), para quem a imigração brasileira em Portugal foi percebida como problema apenas após o início do processo de “proletarização” da imigração brasileira no início da década de 1990.

É, contudo, após a divulgação do *survey* da CBL que a percepção da segunda vaga composta por uma classe média baixa, que contrastaria com a imigração anterior de uma classe média alta e profissionalmente qualificada, e que os recortes de classe passam a fazer parte do cotidiano das análises sobre a imigração brasileira em Portugal.

Apesar das inegáveis contribuições, é preciso alertar para o fato de que, se por um lado, o estudo da CBL chamou a atenção para um dado que aparentemente já vinha deixando seus indícios, por outro lado, a problematização desses dados têm se limitado ao “aspeamento” da ideia-imagem da “2ª vaga de imigração”, que vem sendo tomada como ponto de partida das análises. Embora as aspas possam ser interpretadas como uma necessidade de colocar o ponto de partida um pouco antes da assunção da existência clara de uma fronteira entre a primeira e a segunda vaga de imigração, ou ainda, como uma indagação se a imagem criada e difundida ajuda de fato na compreensão das interseccionalidades e conflitos inerentes à imigração brasileira em Portugal, essas reflexões não têm sido feitas com frequência. Peixoto e Figueiredo chamam a atenção para outros possíveis fatores que deveriam ser levados em conta na caracterização das diferenças da imigração brasileira recente em Portugal:

Pode-se admitir (...) que a imigração brasileira oscila entre a primeira fase dominada por classes média-altas e a segunda, em que predominam as média-baixas (embora alguma continuidade dos fluxos, ao longo do tempo, seja certa). É possível argumentar que a maior parte da variação pode ter, contudo, a ver com a evolução do mercado de trabalho em Portugal. Na primeira fase parecem existir mais necessidades no mercado primário (...), na segunda predominam as necessidades de mão-de-obra não qualificada, em larga escala, por causa de expansão da economia informal (Peixoto, Figueiredo, 2006: 53).

Peixoto e Figueiredo deixam uma pista sobre algumas variáveis internas às relações sociais em Portugal que precisariam ser inseridas na interpretação das “vagas” de imigração brasileira. Do lado brasileiro, outras variáveis também precisariam ser observadas na definição desse perfil

dos emigrantes da “segunda vaga”, a ampliação do acesso ao ensino superior é uma delas, que chega a ser mencionada por Padilla (2006). Contudo, nem Padilla (2007), nem Peixoto e Figueiredo (2006) seguem as pistas deixadas, esses últimos, aliás, mesmo não partindo do estudo da CBL, chegam a resultados bem semelhantes ao trabalharem com os números oficiais da imigração brasileira recente. Parece ser que os números levam mesmo à interpretação sobre duas vagas migratórias, mas, como sempre, os números não dizem tudo nem sobre vagas, nem sobre sujeitos, por isso as aspas continuam à espera de interpretações qualitativas que as retirem, ou ao menos, expliquem o que elas fazem ali.

Outros dados das estatísticas oficiais podem ter influenciado o desenvolvimento de um dos temas mais profícuos dos estudos sobre a imigração recente de brasileiras em Portugal. Trata-se da feminização da migração internacional contemporânea, tendência dos fluxos migratórios contemporâneos como um todo (Zlotnik, 2009), que se mostra bastante acentuada no caso do sistema migratório brasileiro.

A feminização da migração contemporânea trouxe as questões de gênero para o centro dos estudos interpretativos sobre os fluxos migratórios recentes (Hondagneu-Sotelo, 1999). No caso da imigração brasileira, a feminização se constituiu em um dos grandes focos dos estudos desde os pioneiros trabalhos sobre a imigração brasileira nos EUA (Assis, 2003; Fleischer, 2002; Martes, 2000) e conta com interpretações que se consolidaram como modelos no caso de estudos da imigração feminina em alguns países europeus (Piscitelli, 2008a, 2008b; Bógus e Bassanezi, 1999). Também aqui, as relações entre imigração, gênero, mercado do sexo e, sobretudo, processos identitários estereotipados que associam a imigrante brasileira à prostituição e atribui à brasileira características essencialmente erotizadas, são as principais questões abordadas. Sobre isso, Padilla argumenta que se tratam de questões indissociáveis, pois “entre esta imagem da brasileira calorosa e exuberante e a da prostituta vai só um passo”. (Padilla, 2007: 125). Para Padilla, “na actualidade, o tema da imagem da mulher brasileira em Portugal, em directa relação com o estereótipo da prostituta, não pode ser ignorado quando se fala da brasileira imigrante em Portugal”

(Padilla, 2007: 125).

Gomes traz, em revisão crítica da literatura produzida sobre a questão de gênero na imigração brasileira em Portugal, uma questão que nos ajuda a delinear aqui esse quadro de estudos. Partindo da afirmação de Padilla de que muitas autoras salientem a “marca da prostituição” que persegue as imigrantes brasileiras no mundo (Padilla, 2010), Gomes constata que essa marca também tem sido objeto das pesquisas realizadas em Portugal, contudo, ela constata-se também que:

Em Nova York, na Itália e mais fortemente em Portugal, “por algum motivo” os brasileiros (sic) têm uma “fama ou marca da prostituição”. No entanto, como será analisado ao decorrer deste *working paper*, a revisão da literatura sugere que poucos são os estudos para compreender esse “algum motivo” (Gomes, 2011: 09).

A autora aponta as contribuições resultantes do reconhecimento da relevância de questões de gênero no contexto da imigração brasileira em Portugal, mas propõe a necessidade do aprofundamento dessas questões por meio de um diálogo mais intenso com as teorias de gênero, algo que, para Gomes, ainda está ausente nesses estudos. Somente este diálogo poderia lançar luz sobre os “motivos” da “marca da prostituição”. Gomes (2011) tampouco aprofunda esse diálogo com as teorias de gênero, o que não caberia em um balanço crítico da bibliografia já produzida sobre o tema, mas deixa algumas pistas interessantes:

Ao analisar as mulheres brasileiras em Portugal, essa dimensão [das narrativas coloniais de gênero] é fundamental e está praticamente ausente da literatura (...). No Brasil, a mulher negra foi construída como o símbolo desta erotização responsável pela mestiçagem sexual e racial, em demarcações de gênero, sexualidade e raça (...). Em Portugal o símbolo dessa erotização parece ser a mulher brasileira, em demarcações de gênero, sexualidade, nacionalidade, língua e raça (Gomes, 2011: 24).

Para trilhar o caminho sugerido por Gomes, seria necessário fortalecer vínculos de reflexão entre

as contribuições dos estudos sobre gênero na imigração brasileira em Portugal com estudos teóricos de gênero e com estudos de gênero histórico-culturais que abordam as construções dos discursos identitários de gênero durante as relações coloniais e pós-coloniais tanto no Brasil quanto em Portugal.

Deixando de lado o ceticismo sobre textos canonizados como clássicos, creio que neste, como em muitos outros casos, a pertinência dos clássicos pode ser defendida. Em um destes textos que poderíamos rotular precocemente como “clássico”, Joan Scott defende o “gênero” como categoria analítica nos estudos de história devido ao seu potencial de contribuir para a compreensão de relações e construções sociais:

“Gênero”, como substituto de “mulheres”, é igualmente utilizado para sugerir que a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro (...). Ademais, o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres (Scott, 1995: 75).

Dentro desta perspectiva de gênero como constituído e constituinte de relações sociais multifacetadas e perceptíveis por representações culturalmente construídas e simbolicamente acionadas, alguns trabalhos sobre as construções de gênero relacionadas às relações coloniais (Stolke, 2006) e pós-coloniais, tanto nos processos identitários brasileiros (Rago, 2001), quanto portugueses, podem servir de inspiração para a interpretação dos processos identitários permeados por questões de gênero, que se mostram fundamentais na interpretação da imigração brasileira em Portugal e na sua vinculação com estereótipos de sensualidade e erotização.

Verena Stolke (2006), em trabalho sobre as interseções entre classe, raça e sexualidade na construção das representações de gênero nas colônias espanholas na América, estende suas interpretações também ao Brasil. A autora se apoia, sobretudo, nas interpretações correntes da obra de Gilberto Freyre no que tange à permissividade das relações sexuais no Brasil durante o período colonial, que teriam contribuído para a formação de uma identidade nacional marcada pela ausência de preconceitos de raça. Para Stolke, a conquista do Novo Mundo oferece um exemplo bastante claro sobre as interseções teorizadas no presente entre classe, gênero e raça e suas imbricações com processos identitários, classificatórios e discriminatórios. Para ela, a proclamada mestiçagem brasileira, tal como ocorreu, antes de estar baseada ou contribuir para a amenização de preconceitos, foi construída sobre bases hierárquico-autoritárias e “transformou toda uma raça em prostitutas” (Stolke, 2006: 20), em um processo discriminatório, construído sobre as interseções de gênero e raça, que exerce grande influência sobre processos identitários ainda no presente. Stolke abre aqui uma senda para o vislumbre de “alguns motivos” do “estigma da prostituição” identificado por pesquisadoras na imigração internacional brasileira no presente.

Com sua formação ligada aos estupros e violações de toda sorte durante o período colonial, como também construída pelos olhos voyeurísticos dos colonizadores desde o primeiro contato com a nudez das indígenas, esse “estatuto simbólico” (Corrêa, 1996) deixado à mulher, sobretudo à mulata, pela miscigenação foi reconstruído e consolidado no processo de invenção da nação brasileira, quando, segundo Corrêa:

Firmou-se no mesmo campo semântico do qual faziam parte uma série de outros discursos (...) e nos quais as palavras-chave, utilizadas para qualificá-la como indesejada, têm estreita afinidade com os atributos que serviram para identificar positivamente a mulata no imaginário brasileiro. Palavras que a vinculavam diretamente, sem mediações de ervas ou especiarias, ao universo da pura sensação corporal: lubricidade, volubilidade, amoralidade (...) a mulata é puro corpo, ou sexo, não “engendrado” socialmente (Corrêa, 1996: 40).

Na esteira dessas reflexões, Rago (2001) busca nas interpretações que tentaram “inventar o Brasil” durante os anos 1920 e 1930, as marcas da sexualidade na construção de uma identidade nacional brasileira por uma geração de intelectuais ainda não convencidos da multiplicidade de identidades e da fluidez de processos identitários que se escondem por trás de toda narrativa de nacionalidade. Rago (2001) enfatiza como a exacerbação da sexualidade, entrecruzada com a raça, foi um dos “pontos fixos” encontrados por essa geração de autores na sua busca por uma “essência” da formação do “caráter nacional brasileiro”.

Em 1928, *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado, descreve uma paisagem repleta de erotismo e de luxúria, substantivo escolhido para nominar o primeiro capítulo do livro (Prado, 1998). Luxúria na qual “aventureiros e conquistadores (...) vinham esgotar a exuberância de mocidade e satisfazer os apetites de homens a quem já incomodava e repelia a organização da sociedade europeia” (Prado 1998: 66). Da satisfação dos apetites europeus tornou-se a concubinação “uma regra geral, trazendo como resultado a implantação da mestiçagem na constituição dos tipos autóctones que povoaram desde logo esta parte do Novo Mundo” (Prado, 1998: 72).

Retrato do Brasil já apontava para a miscigenação como solução para o embate entre as teorias do racismo científico de viés pessimista e os racistas propositivos da teoria do branqueamento, mas ainda trazia muito fortemente as marcas do pessimismo presente no título e na frase de impacto com que o livro era aberto: “Numa terra radiosa vive um povo triste!” (Prado, 2003: 53). Se, por um lado, Prado conclui ao final de *Retrato do Brasil* que:

A hiperestesia sexual que vimos no correr deste ensaio ser traço peculiar ao desenvolvimento étnico da nossa terra evitou a segregação do elemento africano, como se deu nos Estados Unidos, dominados pelos preconceitos das antipatias raciais. Aqui a luxúria e o desleixo social aproximaram e reuniram as raças (Prado 1998:189-190).

Por outro lado vê nessa mesma hiperestesia sexual a razão de nossa tristeza e melancolia: “No Brasil a tristeza sucedeu à intensa vida sexual do colono,

desviada para as perversões eróticas, e de um fundo acentuadamente atávico” (Prado, 1998: 141).

Como sabemos, é Gilberto Freyre, o admirador de Paulo Prado, que nos legará a configuração mais acabada da solução dos embates em torno da miscigenação, celebrando o mulato e, sobretudo, a mulata, como a “essência” da brasilidade, transformando, como argumenta Stolke acima citada, “toda uma raça em prostitutas”¹. O imaginário ocidental hodierno de um Brasil feminino e sexualizado (Pontes, 2005), amplamente incorporado à nossa mitologia nacional, vincula-se então a um imaginário europeu da colonização que enxergou na nudez indígena devassidão e no corpo negro objeto de realização de desejos. É sobre esse imaginário representado em relatos de viajantes europeus e sobre outros documentos da colonização, que os “intérpretes do Brasil” inventaram um país, que se reinventa hoje também fora do território nacional entre imigrantes além-mar.

São pistas que nos deixam a interpretação histórico cultural sobre o vago “algum motivo” da “marca da prostituição” apontado por Gomes (2011) na discussão sobre a bibliografia produzida acerca das questões de gênero na imigração brasileira em Portugal. Cabe, contudo, o cuidado de desviar-nos do determinismo histórico e das soluções fáceis. Se a interpretação das construções coloniais sobre as relações de raça e gênero, reinventadas no século XX, nos fornecem pistas e podem mesmo ser essenciais, elas não são panaceias para a compreensão de relações concretas que se dão em diferentes contextos imigratórios nos quais brasileiras e brasileiros se inserem nos dias de hoje. Como alerta Piscitelli:

La idea de que las convenciones de erotismo producidas históricamente en Brasil fueron exportadas y asimiladas linealmente en el exterior presenta, sin embargo, algunos problemas. Uno de ellos es pensar que las marcas de identidad vinculadas a la brasileñidad que se difunden a través de las fronteras necesariamente reiteran aquellas producidas en Brasil (Piscitelli, 2008b: 11).

Piscitelli, apoiada em Pontes (2004), introduz um outro elemento significativo na interpretação

que é a formação de etnicidades que permeiam os processos migratórios. Segundo Seyferth, “o fenômeno migratório também produz etnicidade (...) que delimita o pertencimento a um grupo ou comunidade” (Seyferth, 2011: 47). No caso da imigração brasileira em Portugal, Pontes argumenta que:

Embora a criação de uma etnicidade relacionada à nacionalidade brasileira no processo migratório esteja associada a uma ideologia da mestiçagem exotizada e sensualizada, as agentes não precisam ser exatamente mestiças: sua brasilidade já lhes confere esta “filiação” (Pontes, 2004: 234).

Numa tentativa de desenvolver o argumento de Pontes, Carvalho e Rodrigues se baseiam em interpretação própria do clássico texto de Shohat (2004) sobre as questões raciais e de gênero que envolvem as representações de Cleópatra ao longo do tempo, para sugerirem que é possível examinar como a mulata foi construída como representação da mulher brasileira privilegiada por uma sexualidade exacerbada, o que seria então, para as autoras, a criação uma “geografia cultural” em que:

A categoria raça como marcador biológico se confunde com etnia e nacionalidade, como sintomas de filiação geográfica, social e cultural, que, dessa forma, se relaciona com representações sociais de corpo, gênero e sexualidade (Carvalho e Rodrigues, 2007: s/p).

Parece-me, contudo, que a cunha posta por Piscitelli a partir da ideia de Pontes é extrapolada no desenvolvimento de Carvalho e Rodrigues, o que aponta para a necessidade de outros cuidados na proposta de interseção da categoria etnicidade na interpretação das questões de gênero, para que a interseção não se transforme em sobreposição. Shohat, no texto citado por Carvalho e Rodrigues, chama a atenção para o fato de que, nas disputas sobre o pertencimento racial de Cleópatra:

O que é notável no debate (...) é a maneira como a categoria raça como marcador biológico se confunde com as de etnia e nacionalidade como sintomas de filiação geográfica, social e cultural. De muitas

maneiras, portanto, as afirmações opostas – de que Cleópatra era egípcia, e portanto negra, e de que era grega, e portanto branca – são igualmente problemáticas. Tanto a equação simplista entre, de um lado, ser egípcia e negra, quanto, de outro, ser grega e branca, essencializam geografias culturais (Shohat, 2004: 20).

Creio que a citação de Shohat deixa claro que a autora se afasta das interpretações que *essencializam geografias culturais*, por serem *simplistas*. Propor a superposição da categoria feminino-brasileira em relação as interseções com raça e classe, que constituem as relações de gênero, pode também conduzir a essencializações afastadas da complexidade das relações sociais em que as questões de gênero estão inseridas. Pensando com Butler:

O gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (Butler, 2003: 20).

Parece-me que Piscitelli se apropria da ideia de Pontes de forma mais feliz. A leitura de Pontes (2004) possibilita uma interpretação essencializada da ideia de mestiçagem, uma vez que Pontes propõe que as brasileiras não precisam ser “exatamente mestiças” para serem consideradas mestiças, pois a nacionalidade já lhes conferiria essa filiação (Pontes, 2004: 234). Piscitelli não dá margens à possibilidade de uma interpretação essencializada da mestiçagem em seu cruzamento com a etnicidade ao esclarecer que:

A experiência de migrantes (e viajantes) brasileiras é afetada por aspectos que não podem ser compreendidos considerando uma ou duas categorias de diferenciação, tais como gênero e nacionalidade, por exemplo (...). Essas migrantes são afetadas pela imbricação entre noções de sexualidade, gênero, raça, etnicidade e nacionalidade. Refiro-me às noções sexualizadas e racializadas de feminilidade pelo fato de

serem brasileiras. Independentemente de serem consideradas no Brasil, brancas ou morenas, nos fluxos migratórios para certos países do Norte as brasileiras são racializadas como mestiças (Piscitelli, 2008a: 269).

Não se trata, então, de saber se as brasileiras sexualizadas na Europa são “exatamente mestiças”, mas sim de entender se a nacionalidade é, em um só movimento, etnicizada, racializada e sexualizada, o que revelaria as interseções de gênero, raça e etnicidade e não a sobreposição da nacionalidade etnicizada sobre a raça e aspectos de gênero. Sendo assim a sexualização das brasileiras no exterior pode vir a ser interpretada a partir de uma representação dicotômica do negro em relação ao branco que vem sendo construída desde o século XVII. Sendo as negras apreendidas como sensuais em contraposição às brancas racionais. Há toda uma literatura, dos viajantes aos regionalistas, passando pelos romancistas e realistas, plena dessa representação, cujos vestígios são mantidos e reconstruídos até hoje.

O caminho das interseções aparece nos dias de hoje como bastante profícuo para a compreensão das questões de gênero nas relações sociais, mas é necessário cuidado para não se perder na trama dessas interseções em um caminho mais curto. No caso das imigrantes brasileiras em Portugal, que, ao que parece se sentem todas em maior ou menor grau atingidas pela “marca da prostituição”, que teria se desvinculado das questões de raça e classe para se remeter exclusivamente à etnicidade, resta-me a dúvida se a “marca” é tão profunda em uma jovem senhora brasileira de tez branca cursando seu pós-doutorado sobre as obras de Alexandre Herculano e Camilo Castelo Branco na Universidade de Lisboa, quanto em uma jovem negra brasileira que paga o aluguel de seu quarto, que divide com uma colega brasileira na Costa da Caparica enquanto aguarda seu processo de regularização no SEF, com o dinheiro que ganha servindo mesas em um frequentado bar do Bairro Alto, que à altura em que escrevo pode estar cheio de figuras de sedutoras mulatas estampadas em suas paredes como um atrativo a mais para o público ávido para assistir os jogos da Copa do Mundo. Como disse, resta-me a dúvida, porque não tenho resposta, contudo, trago cá comigo uma suspeita de que a resposta deve ser negativa, e se de fato o for, as razões podem ter que

ser ainda buscadas nas interseções de gênero com raça e classe na história do Brasil, pois essa marca é também vestígio do passado, de uma história anterior que não se dilui por completo no presente e que deixa permanências.

Assim como as pistas deixadas pelas narrativas coloniais, tanto o alerta para as especificidades de cada processo migratório, como o argumento válido sobre a necessidade da introdução da categoria etnicidade na discussão sobre esses processos parecem ser ainda sendas abertas, mais do que percursos trilhados. E, com os devidos cuidados, abrem de fato promissoras perspectivas para a compreensão das questões de gênero nos fluxos migratórios brasileiros da contemporaneidade. A construção de um imaginário hodierno que erotiza a imigrante brasileira é feita também discursivamente, em vários gêneros textuais e de diferentes formas e se relaciona com outras representações discursivas, notadamente as de raça e de classe. Se, por um lado, bebem todas de uma fonte comum, por outro se realizam em contextos sociais distintos e em contato com outros imaginários diversos que também lhe conformam. Mesmo que essa teia de significados e representações em que as questões de gênero dos processos migratórios brasileiros se imbricam pareça um labirinto, é dentro desta complexidade, sem Ariadne ou novelo de lã, que temos que nos mover.

Vinculado às representações de gênero, o tema dos processos identitários é seguramente um dos mais vasculhados, mas nem por isso melhor compreendido, dentro do contexto da imigração brasileira em Portugal. É possível arriscar com alguma segurança, que os processos identitários ocupam também um lugar de destaque nas reflexões sobre as migrações internacionais contemporâneas como um todo. Concordo com Xavier, quando argumenta que:

A experiência da imigração é particularmente fértil no encontro com o outro e no exercício simbólico do jogo de espelhos. No decorrer de contextos interativos distintos redesenham-se imagens do outro e de si próprio, num processo de redescoberta e reclassificação. A imigração é uma oportunidade de reconstrução identitárias (Xavier, 2007: 89).

Sobre a imigração brasileira em Portugal, Igor Machado vem se dedicando ao tema dos processos identitários há cerca de uma década. Em 2003, em sua tese de doutorado, Machado lançou as bases para a sua ideia de “encarceramento simbólico” (Machado, 2006) com que vem interpretando processos identitários de brasileiros em Portugal. Este autor defende que “os estereótipos sobre brasileiros em Portugal atuam como limitadores da ação e que, constantemente submetidos às representações comuns em Portugal, os imigrantes brasileiros acabam por desempenhar papéis preestabelecidos” (Machado, 2006: 229). Contudo, o mesmo Machado, recorrendo a suas interpretações de leituras de Edward Said e de Stuart Hall, reconhece que a visão do cárcere se dá de uma determinada perspectiva:

Uma perspectiva saidiana (...) acabaria vendo, na prática desses brasileiros, uma apropriação de tropos impostos a partir de um contexto de força, de uma idéia de identidade que não existe, mas que foi inventada na relação de poder de uma periferia enfraquecida com o “centro”. Hall (1996), em outra perspectiva, poderia ver a “força” das culturas híbridas se reinventando na diáspora. Essas posturas diferenciadas, desde um ponto de vista da vitimização até o de uma vitalidade cultural resistente, demonstram que várias visões podem ser articuladas (Machado, 2006: 232).

Embora tenha que discordar das leituras que fazem com que Machado empreste a Said um ponto de vista de vitimização e a Hall um posicionamento de “vitalidade cultural resistente”, o argumento que me interessa é que, saudavelmente, Machado nos informa que as interpretações que levam a ideia de “encarceramento simbólico” precisam ser complementadas com a interpretação das relações de força que entram em jogo nesses processos de (re)construções identitárias. Ainda que a vontade de desvendar mitos e descobrir a verdade, algo que ainda marca parte do pensamento sociológico, esteja presente também nas interpretações de Machado, é verdade que ele também percebe em várias outras passagens e textos que “uma ideia de identidade que não existe” e que é forjada em meio a relações de força não é algo exclusivo dos processos identitários de brasileiros e brasileiras

em Portugal, mas – se estamos com Hall – uma característica de qualquer processo identitário. Recorrendo ao mesmo texto de Hall citado por Machado (Hall, 1996), vemos que:

A identidade não é tão transparente ou tão sem problemas como nós pensamos. Ao invés de tomar a identidade por um fato que, uma vez consumado, passa, em seguida, a ser representado pelas novas práticas culturais, deveríamos pensá-la, talvez, como uma “produção” que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída interna e não externamente à representação. Esta visão problematiza a própria autoridade e a autenticidade que a expressão “identidade cultural” reivindica como sua (Hall, 1996: 68).

No sentido de Hall, no qual também se apoia Machado, toda identidade é sempre processual, nunca é uma “identidade que existe” se isso significa reificação ou essencialização, pelo contrário, estão sempre sujeitas ao “contínuo jogo da história da cultura e do poder” e é dentro desse jogo de poder que o “encarceramento simbólico” deve ser entendido, algo que Machado alcança em outras análises.

Lisboa (2008, 2010), em suas interpretações das (re)construções de identidades migrantes em Portugal, se baseia no trabalho de Machado para afirmar, sobre as representações de imigrantes brasileiros em Portugal, que:

Essas figurações imaginárias reportam a tempos longínquos e são adensadas por profundas raízes históricas, sendo também validadas, no movimento cíclico do cotidiano, pelos discursos midiáticos portugueses e pelas indústrias culturais brasileiras que atuam em Portugal (Lisboa, 2010:5).

Talvez esteja nas relações entre os processos hodiernos, cotidianos, contínuos e infinitos de construção de identidades e as marcas da herança colonial o nó górdio ainda por ser desfeito nas interpretações sobre as identidades brasileiras migrantes em Portugal, e não apenas em Portugal, como também em outros países europeus. Parece-

me que há duas pistas a seguir e nenhuma delas nos leva a um lugar exatamente confortável ou ausente de perigos. É possível ver no legado colonial a imposição de uma identidade subalterna que é reforçada por mecanismos hodiernos de dominação (mídia, indústria cultural, mercado da alegria, discurso da lusofonia, etc.) internalizados e acionados pelos próprios oprimidos, que, ao acioná-los, reforçam o opressor, essa seria a perspectiva da vitimização mencionada por Machado. O desconforto desse lugar se dá pela claustrofobia, pelo sufocamento das estruturas históricas de longa duração. Um dos perigos aqui é presunção da sapiência negada a outros sujeitos históricos.

É possível também tentar entender como o legado colonial é acionado no presente por diferentes sujeitos históricos. Assim é possível, por exemplo, ver como a lusofonia é acionada ao mesmo tempo pelo Estado e pelos imigrantes e descobrir o que resulta dessa relação de forças, é possível ver como a mestiçagem é usada nas relações trabalhistas de diferentes formas, como a alegria constitui um mercado de exploração e também de sobrevivência (Machado 2010), como a prostituição vitimiza e/ou permite que sujeitos se emancipem, etc. O desconforto aqui é a fluidez e a insegurança, visto que não há respostas únicas nem definitivas. Um dos perigos aqui é a radicalidade do relativismo que, ao defender a historicidade de todos os processos e valores, acaba por negar a própria história como construção humana que, se não determina, influencia o presente, pelo menos como pano de fundo de construção do futuro.

Cunha, ao escrever sobre o Brasil no imaginário português por meio de uma leitura da carta de Caminha nos dá algumas pistas sobre como minimizar o desconforto e os perigos do segundo caminho indicado no parágrafo anterior:

Importa principalmente para esta leitura de algumas visões do Brasil, produzidas em circunstâncias históricas bastante diferenciadas, compreender o imaginário não como um indeterminado, mas como um determinante, um motor na produção de sentidos, valores e significações, um conjunto de traços - incisões ou inscrições indelévels em uma superfície - que têm

longa duração (...). Traços que tenderão a se repetir diferidos, formas cujo valor, qualidade ou sentido poderão ser alterados, rasurados, invertidos, sem que isso impeça que possamos reconhecê-los em seu retorno (Cunha, 2002: s/p).

Se formos na esteira de Cunha (2002, 2006, 2010), seguimos a segunda pista sem evitarmos o desconforto, mas muito bem atentos aos perigos. Se é certo que “as identidades culturais provêm de alguma parte, têm história”, como afirma Stuart Hall, é certo também que “como tudo que é histórico, sofrem transformação” (Hall, 1996: 69). Trata-se mais uma vez do velho embate entre estruturas e história, já enfrentado de forma tão magistral por Sahlins (1990), estruturas existem e é preciso considerá-las, mas também as estruturas são históricas, também as estruturas sofrem transformações. Para interpretar os processos históricos em sua fluidez, não é necessário negar as evocações do passado, pelo contrário, mesmo não sendo suficientes, elas são fundamentais para a compreensão da complexidade das relações de força que atuam contemporaneamente aos processos interpretados e o próprio fato histórico é (re)construído dentro dessas relações de forças.

Dentro de uma perspectiva de análise de relações de força no presente histórico, Aline Lima Santos (2006) e também Gustavo Santos (2010) se aproximam do papel desempenhado por associações de imigrantes nas narrativas e representações construídas por e sobre imigrantes brasileiros em Portugal, enfatizando exemplarmente o papel político de uma destas associações, a CBL, e a inserção deste perfil associativista dentro das redes de transnacionalidades – potencializadas por territórios intensamente tecnificados e da convergência de diferentes tempos, que afetam os discursos identitários de migrantes na contemporaneidade. Os usos do discurso da lusofonia como estratégia de conquista de direitos por essas associações de imigrantes é também um elemento relevante desse processo discursivo de identidades, em torno da disputa de uma ideia (lusofonia) essencializada em algumas interpretações como patrimônio do discurso colonialista português. A compreensão de diferentes usos da lusofonia sob uma guerra de posições ajuda a entender como a contextualização

de ideias tende a ser epistemologicamente mais produtiva que essencialização de conceitos.

Além desses novos autores e autoras, Feldmann-Bianco (2001) desempenhou importante papel nos estudos sobre a imigração brasileira em Portugal, e as questões identitárias não deixaram de ter peso em suas interpretações. Considerando-se a interseccionalidade de gênero, já vimos que Padilla (2006, 2007, 2010), Pontes (2005, 2006) e França (2010, 2012) são autoras que têm os processos identitários de imigrantes brasileiras e brasileiros em Portugal como centrais em seus trabalhos. Na realidade, a interseção entre gênero e processos identitários é bastante impositiva no caso da imigração brasileira em Portugal. Se lembrarmos com Scott (1995) que a ideia gênero não se refere ao sexo feminino (à mulher), mas sim a relações sociais e com Butler (2003) que essas relações são efeitos de instituições, de práticas e de discursos, vemos que as narrativas identitárias sobre e de brasileiras e brasileiros em Portugal são trespassadas por processos de feminização do Brasil (Pontes, 2006) e erotização de uma identidade miscigenada (Pontes, 2005) com origens múltiplas e difusas. Desta forma, a mesma observação feita por Gomes sobre a necessidade de um maior aprofundamento do diálogo teórico-metodológico dos estudos sobre a imigração brasileira em Portugal com as teorias de gênero pode ser feita para o caso dos estudos sobre processos identitários. Diferentemente de Gomes, prefiro não pensar em lacunas, mas em possibilidades ainda não exploradas, desta forma acredito deixar claro que há um material muito rico já produzido, assim como há ainda muito por fazer. As primeiras duas décadas de estudos sobre a imigração brasileira em Portugal não deixaram “lacunas”, visto que estes ainda estão em plena marcha, pelo contrário, elas oferecem uma base bastante sólida para a continuidade da produção de conhecimento sobre o tema.

NOTAS

¹ Embora a citação de Stolke incomode pela essencialização que carrega sobre a ideia de prostituta, o que é bastante problemático, ela é útil para ajudar a compreender a formação de um discurso que se atua no presente e que embasa parte das representações hodiernas sobre a imigração brasileira na Europa. Urge, contudo, deixar claro que a essencialização negativa vinculada à prostituição, longe de ser reproduzida, deve ser problematizada e combatida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Gláucia de Oliveira. “De Criciúma para o mundo. Os novos fluxos da população brasileira: gênero e rearranjos familiares.” Em: MARTES, Ana Cristina Braga; FLEISCHER, Soraya (orgs). *Fronteiras Cruzadas: Etnicidade, Gênero e Redes Sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

BÓGUS, Lúcia M.; BASSANEZI, Maria Sílvia. Brasileiros na Itália: movimentos migratórios e inserção social. *Margem*. Faculdade de Ciências Sociais/PUC-SP, EDUC/FAPESP, vol. 10, 1999. pp. 211-227.

CARVALHO, Sheila Abadia Rocha; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. Raça e gênero na formação da nação brasileira. Em: *Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil*, Campinas: Faculdade de Educação/Unicamp, 2007. Recuperado de [http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antiores/anais16/sem03pdf/sm03ss10_05.pdf]. Consultado [04/04/2014].

CBL – Casa do Brasil em Lisboa. *A segunda vaga de imigração brasileira para Portugal (1998-2003). Estudo de opinião a imigrantes residentes nos distritos de Lisboa e Setúbal – Informação estatística e elementos de análise*. Lisboa: CBL, 2004.

CORRÊA, Mariza. “Sobre a invenção da mulata.” *Cadernos Pagu* (6-7), 1996. pp.35-50.

CUNHA, Eneida Leal. “Comemorações dos descobrimentos: reconfigurações contemporâneas da nacionalidade no Brasil e em Portugal.” Em: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Nações e diásporas: estudos comparativos entre Brasil e Portugal*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

CUNHA, Eneida Leal. *Estampas do Imaginário*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

CUNHA, Eneida Leal. O Brasil no imaginário português. *Revista Semar*, nº 6, 2002. Recuperado de [www.lettras.pucpr.br/catedra/revista/6Sem_11.html]. Consultado [04/04/2014].

FELDMAN-BIANCO, Bela (org.) *Identities: Global Studies in Culture and Power*, vol. 8, nº4, dez. 2001.

FLEISCHER, Soraia. *Passando a América a limpo: o trabalho de*

- housecleaners brasileiras em Boston. São Paulo: Annablume, 2002.
- FRANÇA, Thais. Excluindo sexo, raça e etnia: mulheres brasileiras trabalhadoras em Portugal. Em: CARVALHO, Flávio et al. (orgs). *Atas do 1º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*. Barcelona, 2010.
- FRANÇA, Thais. Mulheres Brasileiras na academia portuguesa: rompendo ou perpetuando estereótipos? Em: PADILLA, Beatriz et al. (orgs). *Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa. Atas do 2º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*. Lisboa, 2012.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala*. São Paulo: Global, 2006.
- GOMES, Mariana Selister. Mulheres Brasileiras em Portugal e imaginários sociais: uma revisão crítica da literatura. *CIES e-Working Papers*, nº 106. Lisboa: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – Instituto Universitário de Lisboa, 2011.
- HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 24, 1996. pp. 68-76.
- HONDAGNEU-SOTELO, Pierrette. Gender and Contemporary U. S. Immigration. *American Behavioral Scientist*, vol. 42, n. 4, 1999. pp. 565-576.
- LISBOA; Wellington Teixeira. Fluxos transatlânticos e identidade: a imigração brasileira em Portugal e o imaginário português. Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP. Caxambu, 2010. Recuperado de [www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2010/docs_pdf/tema_6/abep2010_2275.pdf].
- MACHADO, Igor José de Renó. *Cárcere Público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto*. Tese de doutorado. Campinas, ICH: Unicamp, 2003.
- MACHADO, Igor José de Renó. Estereótipos e encarceramento simbólico no cotidiano de imigrantes brasileiros no Porto. Em: *Um mar de identidades. A imigração brasileira em Portugal*. São Carlos: Edufscar, 2006.
- MACHADO, Igor José de Renó. Sobre as identidades brasileiras em Portugal. Em: MALHEIROS, Jorge Macaísta (org.). *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, 2007.
- MACHADO, Igor José de Renó. Imigração brasileira no Porto, Portugal. Apontamentos para uma etnografia do jogo da centralidade e dos circuitos de reciprocidade. Em: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Nações e diásporas: estudos comparativos entre Brasil e Portugal*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.
- MALHEIROS, Jorge Macaísta. Os brasileiros em Portugal. A síntese do que sabemos. Em: MALHEIROS, Jorge Macaísta (org.). *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, 2007.
- MARTES, Ana Cristina Braga. *Brasileiros no exterior. Um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra: 2000.
- PADILLA, Beatriz. Integração dos “imigrantes brasileiros recém-chegados” na sociedade portuguesa: problemas e possibilidades. Em: MACHADO, Igor José de Renó (org.). *Um mar de identidades. A imigração brasileira em Portugal*. São Carlos: Edufscar, 2006.
- PADILLA, Beatriz. A imigrante brasileira em Portugal: Considerando o género na análise. Em: MALHEIROS, Jorge Macaísta (org.). *Imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI, 2007.
- PADILLA, Beatriz. Género e migrações: o que sugere o estudo das imigrantes brasileiras em Portugal. Em: CARVALHO, Flávio et al. (orgs). *Atas do 1º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*. Barcelona, 2010.
- PEIXOTO, João; FIGUEIREDO, Alexandra. Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal. Em: MACHADO, Igor José de Renó (org.). *Um mar de identidades. A imigração brasileira em Portugal*. São Carlos: Edufscar, 2006.
- PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, v.11, n.2, jul/dez. 2008a. pp. 263 - 274
- PISCITELLI, Adriana. Actuando la “brasileneidad”? Tránsitos entre circuitos de turismo sexual y los mercados del sexo y matrimonial europeos. *Paper apresentado no encontro da Latin American Studies Association (LASA)*. Rio de Janeiro, June 11-14, 2008b.
- PONTES, Luciana. Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.23, Julho-Dezembro, 2005. pp. 229-256.
- PONTES, Luciana. “Mulheres imigrantes brasileiras em Lisboa.” Em: MACHADO, Igor José de Renó. MACHADO, Igor José de Renó (org.). *Um mar de identidades. A imigração brasileira em Portugal*. São Carlos: Edufscar, 2006.
- PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil*. Ensaio sobre a tristeza brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- RAGO, Margareth. Sexualidade e identidade na historiografia brasileira dos anos vinte e trinta. *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, vol 12, nº 1, 2001. Recuperado de [http://www1.tau.ac.il/eial/index.php]. Consultado [11/06/2014].
- REGO, José Lins; FREYRE, Gilberto. Retratos do autor: Paulo Prado. Em PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil*. Ensaio sobre a tristeza brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SAHLINS, Marshal. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- SANTOS, Alina Lima. Casa do Brasil de Lisboa: especificidades, conquistas e desafios do associativismo de imigrantes brasileiros em Portugal. Em: PADILLA, Beatriz et al. (orgs). *Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa. Atas do 2º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*. Lisboa, 2012.
- SANTOS, Gustavo Adolfo P. Daltro. A construção da lusofonia no Portugal pós-colonial. Estratégias das associações de

imigrantes de Lisboa. Em: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Nações e diásporas: estudos comparativos entre Brasil e Portugal*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995. pp. 71-99.

SEYFERTH, Giralda. A dimensão cultural de imigração. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 26, nº 77 outubro de 2011.

SHOHAT, Ella. Des-orientar Cleópatra: um tropo moderno de identidade. *Cadernos Pagu*, 23, Campinas: Unicamp, 2004. pp.11-54.

STOLKE, Verena. O enigma das interseções: classe, "raça", sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. *Estudos Feministas*, 14(1): 336, Florianópolis, janeiro-abril/2006. pp. 15-42.

XAVIER, Maria. *Redescobindo o Brasil processos identitários de brasileiros em Portugal*. Lisboa: ACIDI, 2007.

ZLOTNIK, Hania. International Migration 1965-96: An Overview. *Population and Development Review*, vol. 24 (3), 1998. pp.429-468.